

## PROBLEMAS DE TRADUÇÃO POÉTICA EM ANACREONTE

Carlos Leonardo Bonturim Antunes  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

**Resumo:** Neste artigo, apresento uma série de fragmentos estruturalmente complexos de Anacreonte. Em sua maioria, trata-se de versos com alguma dificuldade métrica, para os quais ofereço comentários e propostas de tradução.

**Palavras-chave:** Anacreonte; Tradução rítmica; Tradução poética; Poesia lírica grega; Métrica grega

## PROBLEMS TRANSLATING THE POETRY OF ANACREON

**Abstract:** In this paper, I present a series of structurally complex poems by Anacreon. Most of them are comprised of lines with some meter-related difficulty, for which I offer commentaries and translation proposals.

**Keywords:** Anacreon; Rhythmic translation; Poetic translation; Greek lyric poetry; Greek meter

Neste artigo, tratarei de alguns fragmentos de Anacreonte, seguindo uma linha de tradução focada em aspectos rítmicos, na qual venho trabalhando desde o mestrado (2009) e o doutorado (2013).<sup>1</sup> Em alguns casos, em vez de uma solução estritamente rítmica, proponho o uso de metros vernáculos convencionais. Para outros dois

---

<sup>1</sup> Na mesma linha de recriação rítmica, não posso deixar de citar os trabalhos de Tápia (2012) e Flores (2014), que, respectivamente, trataram da tradução rítmica de Homero e Horácio.



fragmentos, ainda, sugiro também uma tradução com elementos visuais.

Essa variedade de abordagens se justifica por uma concepção plurívoca do trabalho de tradução: todos os tipos de tradução (metafrástica, parafrástica, adaptativa, transcriativa, etc.)<sup>22</sup> e todos os subtipos baseados nos recursos estilísticos empregados pelo tradutor constituem resultados próprios, que estabelecem possibilidades distintas de interpretação e de fruição não só do texto de chegada, mas também do texto de partida. Julgo importante tão entender a validade de cada tipo de tradução quanto exercitar-se nessas diversas abordagens. Por conta disso, permito-me a *variatio*.

Antes de irmos aos poemas, é válido mencionar que este trabalho faz parte de um empenho maior de traduzir todos os fragmentos de Anacreonte e todos os poemas das *Anacreônticas*. Os poemas aqui reunidos foram selecionados por apresentarem dificuldades de tradução, seja rítmica, seja em relação a outros elementos formais. A edição utilizada é a de Campbell (2002).

Fr. 349

οὔτος δηῦτ' Ἴηλυσίους  
τίλλει τοὺς κυανάσπιδας.

Tira sarro mais uma vez  
Dos ialíseos de escudo azul.

### *Comentário*

Este curto fragmento da coletânea possui um interesse métrico. Quanto ao texto em si, Campbell (2001: 49n1) sugere que se refira a um possível domínio de Polícrates de Samos também sobre a cidade de Rodes.

Como mencionado, poema é metricamente interessante: apresenta uma alternância entre um willamowitziano e um glicônio:

---

<sup>2</sup> A respeito das diversas linhas de tradução de poesia, recomendo o livro de Milton (2010). Sobre a prática de tradução sob diferentes abordagens, sugiro o livro de Faleiros (2012).

— — — υ — υ υ —                      willamowitziano  
οὔτος δηῦτ’ Ἰηλυσίους  
— — — υ υ — υ —                      glicônio  
τίλλει τοὺς κυανάσπιδας.

Esse uso contíguo das duas formas métricas reforça o parentesco do willamowitziano às formas eólicas, às quais o glicônio pertence.

Na tradução, tomo a liberdade de alternar a segunda sílaba para uma átona. Essa liberdade é condizente com as possibilidades dessas duas formas eólicas, as quais eram iniciadas por uma base que podia se consistir de —, — υ, υ — e υ υ υ, havendo ainda a possibilidade de se usar uma meia base preenchida por υ, — ou υ υ.<sup>3</sup> Apesar disso, é possível ler a segunda sílaba dos versos em Português com uma ênfase (ou uma duração) maior, de modo a torna-las fortes (ou longas):

— υ — υ — υ υ —  
Tira sarro mais uma vez  
— υ — υ υ — υ —  
Dos ialíseos de escudo azul.

Fr. 351

σινάμωροι πολεμίζουσι θυρωρῶ

Com malícia eles combatem o porteiro

*Comentário*

Mais um curto fragmento de interesse métrico. Trata-se de um trímetro jônio menor acatalético:

---

<sup>3</sup> Para maiores informações e sobre os usos mais comuns a cada poeta específico, vide West (1996).

υ υ - - υ υ - - υ υ - -  
σινάμωροι πολεμίζουσι θυρωρῶ

Na tradução, tentei imitar o ritmo, que precisa ser levemente forçado em algumas sílabas e lido da seguinte forma:<sup>44</sup>

υ υ - - υ υ - - υ υ - -  
Com malícia eles combatem o porteiro

Quanto ao sentido do verso, suponho que tenha a ver com o costume de manter amigos do noivo como porteiros em frente ao quarto do casal recém-casado em sua primeira noite juntos. Parece-me possível que o poema falasse de convivas bêbados tentando entrar no quarto do casal ou algo do gênero.

#### Fr. 352

<ό> Μεγιστήϛ δ' ό φιλόφρων δέκα δῆ μῆνες έπει τε  
στεφανοῦνται τε λύγω και τρύγα πίνει μελιηδέα.

Com guirlandas de salgueiro o bom Megistes tem se ornado  
Por dez meses e bebido o mosto doce como o mel.

#### Comentário

Mais um fragmento composto por jônios menores, onde, novamente, tentei reproduzir o ritmo na tradução, incluindo as anáclases notáveis no segundo verso do texto grego:

υ υ - - υ υ - - υ υ - - υ υ - -  
<ό> Μεγιστήϛ δ' ό φιλόφρων δέκα δῆ μῆνες έπει τε

---

<sup>44</sup> A leitura rítmica, na tradução, pode ser um pouco difícil e pouco natural. Entretanto, quando de uma reconstrução musical, em que há maior maleabilidade para a duração de cada sílaba na prosódia do canto, isso se torna imperceptível. Evidentemente, no caso específico deste fragmento, que é realmente curto, a reconstrução musical seria de pouco interesse. Ainda assim, mantenho a mesma proposta.

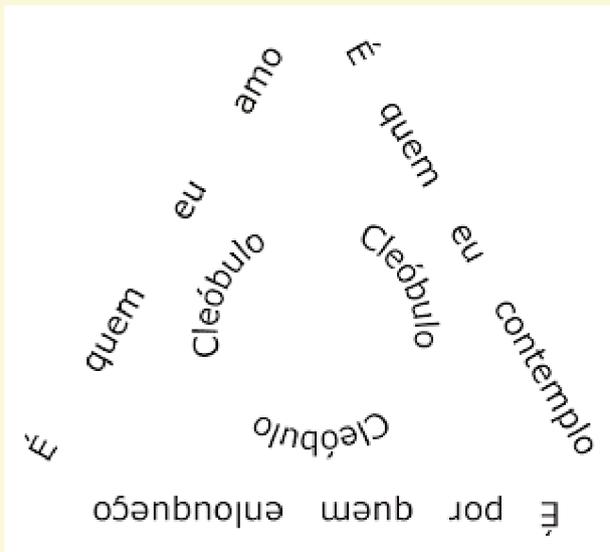
υ υ - - υ υ - - υ υ - - υ υ - - υ υ -  
στεφανοῦνται τε λύγῳ καὶ τρύγα πίνει μελιηδέα.

υ υ - - υ υ - - υ υ - - υ υ - - υ υ - -  
Com guirlandas de salgueiro o bom Megistes tem se ornado  
υ υ - - υ υ - - υ υ - - υ υ - - υ υ -  
Por dez meses e bebido o mosto doce como o mel.

Fr. 359

Κλεοβούλου μὲν ἔγωγ' ἐρέω,  
Κλεοβούλῳ δ' ἐπιμαίνομαι,  
Κλεόβουλον δὲ διοσκέω.

Cleóbulo é aquele que eu amo,  
Cleóbulo é quem me enlouquece,  
Cleóbulo é quem contemplo.



### *Comentário*

Este pequeno poema se organiza mediante o uso do poliptoto, uma figura de linguagem própria de línguas declinadas, onde se repete um mesmo nome em diferentes casos. Assim, o nome de Cleóbulo aparece primeiro no genitivo, depois no dativo e por último no acusativo, em posição de destaque, no início dos versos. Essa repetição e esse destaque são parte do modo com que o poeta apresenta sua fixação pelo objeto de seu desejo, que é abordado de todos os cantos. É interessante notar que, apesar de estar em posição inicial e de destaque, Cleóbulo é complemento dos verbos de ação do eu-lírico, mas jamais o sujeito. Numa tradução mais literal, buscando apenas apresentar os diferentes modos com que Cleóbulo completa os verbos, poderíamos propor a seguinte forma em Português:

De Cleóbulo estou enamorado,  
Por Cleóbulo enlouqueço,  
Para Cleóbulo eu olho.

Na tradução principal, em versos, que apresento no início, esses efeitos são perdidos. Mantive o nome de Cleóbulo em posição inicial, mas ele passa a ser sujeito das orações e não se vê a variação de casos (por meio de preposições, como exemplificado na tradução um pouco mais literal acima). Usei octossílabos para traduzir os dois glicônios iniciais, colocando acentos na segunda, quinta e oitava sílabas. Para traduzir o ferecrácio final, usei uma redondilha maior com acentos na segunda, quinta e sétima sílabas.

Como me pareceu que a solução em versos não dava conta de recuperar toda a riqueza de sentido presente nos elementos formais do texto grego, fiz uma segunda tradução, aos moldes concretistas, onde apresento o nome de Cleóbulo como um círculo no centro das atenções, sendo cercado de três modos pelas formas de abordagem do eu-lírico.

Fr. 373

ἡρίστησα μὲν ἰτρίου λεπτοῦ μικρὸν ἀκοκλάς,  
οἴνου δ' ἐξέπιον κάδον· νῦν δ' ἄβρωῶς ἐρόεσσαν  
ψάλλω πηκτίδα τῆ φήλη κωμάζων † παιδὶ ἄβρωῆ †.

Jantei uma fatia fina de um bolinho leve  
E o vinho de uma jarra inteira. Agora meigamente  
A lira amável toco em serenata à moça meiga.

Um pedaço de bolo, fino,  
Foi a janta que eu comi  
Mais o vinho de um garrafão.  
Ora a lira amável vou  
Dedilhar meigamente à minha  
Meiga moça em serenata.

### Comentário

O poema contrasta os modos de nutrição do eu-lírico: por um lado, a comida é ingerida com parcimônia (apenas uma fatia de bolo); por outro lado, a bebida é tomada sem muitas restrições (uma jarra inteira). Por fim, mostra-se a função dessa dieta: na medida inversa em que um atleta se alimenta bem e bebe pouco para manter-se em forma, o poeta come pouco e bebe muito para a atividade posterior de cantar em serenata a uma moça meiga.

Quanto à métrica, os versos parecem ser compostos da união de um glicônio e de um ferecrácio, havendo provavelmente algum problema de transmissão textual no final do terceiro verso:

— — — υ υ — υ — | — — — υ υ — —  
ἡρίστησα μὲν ἰτρίου λεπτοῦ μικρὸν ἀκοκλάς,  
— — — υ υ — υ — | — — — υ υ — —  
οἴνου δ' ἐξέπιον κάδον· νῦν δ' ἄβρωῶς ἐρόεσσαν  
— — — υ υ — υ — | — — — — υ — —  
ψάλλω πηκτίδα τῆ φήλη κωμάζων † παιδὶ ἄβρωῆ †.

Para caber no ritmo, o terceiro verso teria de ser lido assim:

— — — υυ — υ— | — — — υυ — —  
ψάλλω πηκτίδα τῆ φήλῃ κωμάζων παῖδ' ἄβρῆι.

Na primeira tradução, optei por uma solução mais simples, usando versos jâmbicos de catorze sílabas.

Na segunda, tento fazer versos semelhantes à estrutura de dois hemistíquios do original: os glicônios são reproduzidos por octosílabos com acentos na terceira, na sexta e na oitava sílaba; os ferecrácios como redondilhas com acentos na terceira quinta e sétima. Separei os glicônios dos ferecrácios em dísticos.

Fr. 376

ἄρθεις δηῖτ' ἀπὸ Λευκάδος  
πέτρης ἐς πολὺν κῦμα κολυμβῶ μεθύων ἔρωτι.

Vou de novo subindo os rochedos leucádios,  
Tombando nas ondas cinzentas perdido de amor.

leucádios  
os rochedos      tombando  
subindo      nas ondas  
vou de novo      cinzentas  
perdido  
de amor

### Comentário

Os rochedos da Leucádia ficaram famosos por terem sido o local do suposto suicídio de Safo. É neles que o poeta pinta sua cena apaixonada, indiretamente dizendo que o ato de apaixonar-se é como subir bêbado (“μεθύων”, que traduzo por “louco”, mas literalmente quer dizer “bêbado de vinho”) de amor os rochedos Leucádios e deles se atirar rumo as ondas cinzentas: uma subida e uma descida.

Foi com esse movimento em mente que compus a segunda proposta de tradução, em moldes concretistas, organizando as palavras de modo a sugerir uma ascensão seguida de uma queda.

Quanto à métrica, o primeiro verso parece ser um glicônio, ao passo que o segundo parece ser um hiponácteo com dupla expansão coriâmbica interna:

— — — υ υ — υ —  
ἀρθεῖς δηῖτ' ἀπὸ Λευκάδος  
— — — υ υ — <— υ υ — — υ υ —> υ — —  
πέτρης ἐς πολὺν κῦμα κολυμβῶ μεθύων ἔρωτι.

Na primeira tradução, optei por um ritmo anapéstico (o segundo verso começando com uma sílaba a menos, acefálico), a fim de denotar essa marcha adiante e impensada do eu-lírico.

### Fr. 378

ἀναπέτομαι δὴ πρὸς Ὀλυμπον περύγεσσι κούφης  
διὰ τὸν Ἔρωτ'· οὐ γὰρ ἐμοὶ <— υ> θέλει συνηβᾶν.

Voo outra vez rumo ao Olimpo indo com leves asas,  
Causa do amor, pois não quer ser jovem comigo o moço.

### Comentário

Os versos são citados num escólio às *Aves* de Aristófanes, onde o poeta cômico faz um pastiche deles. No segundo verso, há uma lacuna, onde Campbell (2001: 69) supõe que houvesse algum termo para “o garoto”.

West (1982: 58) acredita que, do ponto de vista métrico, os versos sejam aristofâneos com expansão coriâmbica interna e possibilidade de resolução da primeira longa em duas breves:

$\underline{\cup} \cup \cup \cup - < - \cup \cup - - \cup \cup - > \cup - -$   
 ἀναπέτομαι δὴ πρὸς Ὀλυμπον πτερύγεσσι κούφης  
 $\underline{\cup\cup} \cup \cup - < - \cup \cup - - \cup \cup - > \cup - -$   
 διὰ τὸν Ἔρωτ'· οὐ γὰρ ἐμοὶ <| w> θέλει συνηβᾶν.

Tento reproduzir o ritmo em Português dentro do possível:

$- \cup \cup - - \cup \cup - - \cup \cup - \cup - -$   
 Voo outra vez rumo ao Olimpo indo com leves asas,  
 $- \cup \cup - - \cup \cup - - \cup \cup - \cup - -$

Causa do amor, pois não quer ser jovem comigo o moço.

Fr. 380

χαῖρε φίλον φῶς χαρίζεντι μειδιῶν προσώπῳ  
 Salve, gentil luz, sorridente em teu amável rosto

### Comentário

É curioso notar como a luz é interpelada pelo poeta de modo antropomórfico, com seu esplendor sendo equiparado a um rosto amável e seu aspecto benéfico, a um sorriso. Também no Fr. 1 de Safo se vê uma imagem semelhante, quando a poetisa fala de uma visita da deusa Afrodite, que chegou “sorrindo em seu rosto imortal” (“μειδιαίσασ’ ἀθανάτῳ προσώπῳ”), sorriso que da mesma forma indica essa predisposição da divindade a conceder o seu favor.

O verso começa com dois *metra* coriâmbicos, passa depois para um *metron* jâmbico, por anáclase, e termina catalético:

— ◡ ◡ — — ◡◡—◡ — ◡ — —  
χαῖρε φίλον φῶς χαρίεντι μειδιῶν προσώπῳ

Na tradução, tento reproduzir este ritmo dentro do possível:

— ◡ ◡ — — ◡◡ — ◡ — ◡ — ◡ — ◡  
Salve, gentil luz, sorridente em teu amável rosto

Fr. 381 (b)

ἀσπίδα ρίψας ποταμοῦ καλλιρόου παρ' ὄχθας

Junto do rio belofluente arremessando o escudo

Comentário

Este fragmento é citado, por Atílio Fortunato, numa comparação com o metro do Fr. 153 de Safo.<sup>5</sup>

O verso tem uma estrutura parecida com a do Fr. 380: começa com *metra* coriâmbicos e termina com um báquio, de modo catalético:

— ◡◡ — — ◡◡ — — ◡◡ — ◡ — —  
ἀσπίδα ρίψας ποταμοῦ καλλιρόου παρ' ὄχθας

Na tradução, tento novamente recriar o ritmo, mas é preciso forçar um pouco a leitura no terceiro *metron*:

---

<sup>5</sup> O fragmento de Safo também é coriâmbico e termina de modo catalético, também com um báquio:

— ◡◡ — ◡ — —  
πάρθενον ἀδύφωνον

— υ υ — — υ υ — — υ υ — υ — —  
Junto do rio belofluente arremessando o escudo

Fr. 383

οἶνοχόει δ' ἀμφίπολος μελιχρὸν  
οἶνον τρικύαθον κελέβην ἔχουσα.

Ela verteu vinho melífluo como o  
Mel, tendo nas mãos uma vasilha tripla.

### *Comentário*

O verso é citado por Ateneu para falar a respeito da “κελέβη” (“jarra” ou “copo”). No poema, uma moça verte vinho doce como o mel a partir de uma jarra “τρικύαθος”, “de três conchas”.

Quanto à métrica, o primeiro verso é um trímetro coriâmbico catalético. No segundo, o texto é incerto, mas, do modo com que está na edição apresentada, aparenta ser também um trímetro coriâmbico catalético acrescido de uma sílaba longa inicial:

— υ υ — — υ υ — υ — —  
οἶνοχόει δ' ἀμφίπολος μελιχρὸν  
— — υ υ — — υ υ — υ — —  
οἶνον τρικύαθον κελέβην ἔχουσα.

Reproduzo o ritmo na tradução:

— υ υ — — υ υ — υ — —  
Ela verteu vinho melífluo como o  
— — υ υ — — υ υ — υ — —  
Mel, tendo nas mãos uma vasilha tripla.

Fr. 385

ἐκ ποταμοῦ ‘πανέρχομαι πάντα φέρουσα λαμπρά.

Venho do rio e a roupa está toda brilhando junto.

### Comentário

Provavelmente o início de um poema cujo o eu-lírico é uma mulher que lava suas roupas no rio.

Do ponto de vista métrico, o verso é um tetrâmetro coriâmbico catalético, com anáclase no segundo *metron*, de modo a torná-lo jâmbico:

— υ υ — υ — υ — — υ υ — υ — —  
ἐκ ποταμοῦ ‘πανέρχομαι πάντα φέρουσα λαμπρά.

Recrio o ritmo na tradução:

— υ υ — υ — υ — — υ υ — υ — —  
Venho do rio e a roupa está toda brilhando junto.

Fr. 386

Σίμαλον εἶδον ἐν χορῶ πηκτίδ’ ἔχοντα καλήν.

Com sua lira bela eu vi Símalos junto ao coro.

### Comentário

West (1982: 57) descreve o verso como um glicônio anaclástico seguido por um aristofâneo. A nomenclatura escolhida não é tão importante quanto a visão de que a penúltima sílaba do verso provavelmente era alongada, à semelhança dos fragmentos anteriores, de composição semelhante:

— υ υ — υ — υ — — υ υ — υ — —  
Σίμαλον εἶδον ἐν χορῶ πηκτίδ’ ἔχοντα καλήν.

Tento recriar o ritmo em Português:

— υ υ — υ — υ — — υ υ — υ — —  
Com sua lira bela eu vi Símalos junto ao coro.

Fr. 387

τὸν μυροποιὸν ἠρόμην Στράττιν εἰ κομήσει.

Disse se Estrate, o perfumista, irá deixar crescer a juba.

### Comentário

Uma tradução mais literal seria:

Eu perguntei a Estrate, o perfumista, se ele iria deixar o cabelo crescer.

O verso segue o mesmo esquema métrico do anterior, com o uso de um crético no lugar do coriambo inicial da segunda parte do verso (o aristofâneo):

— υ υ — υ — υ — — υ — υ — υ — —  
τὸν μυροποιὸν ἠρόμην Στράττιν εἰ κομήσει.

Pela falta de um verbo mais conciso para a ideia de deixar o cabelo crescer, não pude imitar o ritmo de modo mais próximo. Imitei o coriambo inicial e a mudança para o jambo, mas tive de desfazer a catalexia final e usar um *metron* jâmbico no lugar do crético que substituíria o coriambo do aristofâneo:

— υ υ — υ — υ — υ — υ — υ — υ — (υ)  
Disse se Estrate, o perfumista, irá deixar crescer a juba.

Fr. 391

νῦν δ' ἀπὸ μὲν στέφανος πόλεως ὄλωλεν.

Ora a coroa da pólis está perdida.

*Comentário*

Como mencionado na introdução, este verso pode estar relacionado com a tomada de Teos pelos invasores Persas, o que poderia ter motivado a fundação de Abdera.

Quanto à métrica do poema, ele se compõe a partir de um coriambo seguido por um jônio (com resolução de uma das longas) e de uma dipodia trocaica:

— υ υ — | υ υ — υ υ | — υ — υ  
νῦν δ' ἀπὸ μὲν στέφανος πόλεως ὄλωλεν.

Na tradução, tento recuperar o ritmo:

— υ υ — υ υ — υ υ — υ — υ — υ  
Ora a coroa da pólis está perdida.

Fr. 392

οὔτε γὰρ ἡμετέρειον οὔτε καλόν

Não é da nossa cidade nem é belo

*Comentário*

O metro deste fragmento parece-me ser o mesmo do fragmento seguinte, o 393, que era chamado de encomiológico pelos metristas antigos:

— υ υ — υ υ — υ — υ — —  
οὔτε γὰρ ἡμετέρειον οὔτε καλόν

Tento reproduzir o ritmo na tradução:

- υ υ - υ υ - υ - υ - -

Não é da nossa cidade nem é belo

Fr. 393

ὄρσόλοπος μὲν Ἄρης φιλεῖ μεναίχμην

Ares audaz gosta de uma lança firme.

### Comentário

O verso parece, à primeira vista, falar da predileção de Ares (caracterizado como “ὄρσόλοπος”, “ávido pela batalha”, que traduzo por “audaz”) por uma lança que se mantém firme. Contudo, considerando o *ethos* geral da poesia de Anacreonte, é muito provável que seja um caso de apropriação de imagens bélicas para a descrição de elementos sexuais.

A estrutura métrica do poema parece se construir a partir de três *metra*, um coriâmbico e dois trocaicos:

- υ υ - | - υ - υ | - υ - -

ὄρσόλοπος μὲν Ἄρης φιλεῖ μεναίχμην

Reproduzo o ritmo do verso em Português na tradução, tendo optado pelo termo “audaz” para conseguir atingir essa semelhança métrica que se pode notar na escansão abaixo:

- υ υ - | - υ - υ | - υ - υ

Ares audaz gosta de uma lança firme.

Fr. 397

πλεκτὰς

δ' ὑποθυμίδας περὶ στήθεσι λωτίνας ἔθεντο.

láureas

Colocaram feitas de lótus em torno aos seus pescoços

*Comentário*

O segundo verso do fragmento se constrói a partir de dois pares de *metra* jônios menores com anáclase, de modo que o primeiro e o terceiro *metron* apresentam a sílaba final breve, pela permuta com a posição que se segue (sublinhadas no esquema abaixo):

υ υ - υ | = υ - - | υ υ - υ | - υ - -  
δ' ὑποθυμίδας περιὶ στήθεσι λωτίνας ἔθεντο.

Tento reproduzir o ritmo na tradução:

υ υ - υ - υ - - υ υ - υ - υ - υ - υ  
Colocaram feitas de lótus em torno aos seus pescoços

Fr. 402 (c)

ἐμὲ γὰρ † λόγων † εἵνεκα παῖδες ἄν φιλέοιεν·  
χαρίεντα μὲν γὰρ ἄδω, χαρίεντα δ' οἶδα λέξαι.

Têm-me amor os juvenzinhos pelo modo com que eu falo,  
Pois são gráceis melodias, fala grácil a que eu conheço.

*Comentário*

Esse fragmento faz parte de uma citação de Máximo de Tire. Aqui, o poeta fala de sua própria arte, de gráceis melodias e de grácil fala, características que a trazem para próximo da própria feitura bela dos juvenzinhos, ainda dotados de juventude. É como se, por imbuir sua arte com esses traços, ela se tornasse propícia para ganhar o favor daqueles que são como ela.

Quanto à métrica, há um problema no primeiro verso, mas, visto junto com o segundo, parece que eles são compostos, cada qual,

por dois dímétros jônios menores com anáclase. Analiso abaixo o segundo verso:

υ υ - υ - υ - - υ υ - υ - υ - -  
χαρίεντα μὲν γὰρ ᾄδω, χαρίεντα δ' οἶδα λέξαι.

Na tradução eu tento imitar o ritmo do modo mais próximo possível:

υ υ - υ - υ - - υ υ - υ - υ - -  
Têm-me amor os juvenzinhos pelo modo com que eu falo,  
υ υ - υ - υ - - υ υ - υ - υ - -  
Pois são gráceis melodias, fala grácil a que eu conheço.

## Referências

ANTUNES. *Ritmo e Sonoridade na Poesia Grega Antiga: Uma tradução comentada de 23 poemas*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2009.

\_\_\_\_\_. *Métrica e Rítmica nas Odes Píticas de Píndaro*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2013.

CAMPBELL, David A. *Greek Lyric I*. Cambridge – London: Harvard University Press, 2002.

FALEIROS, Álvaro. *Traduzir o Poema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

FLORES, Guilherme Gontijo. *Uma poesia de mosaicos nas Odes de Horácio*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP. 2014.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TÁPIA, Marcelo. *Diferentes percursos de tradução poética como paradigmas metodológicos de recriação poética: Um estudo propositivo sobre linguagem, poesia e tradução*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2012.

WEST, M. L. *Greek Metre*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

Recebido em: 29 novembro de 2017

Aceito em: 20 fevereiro de 2018

Publicado em: maio de 2018